

Os animais que logo somos? Uma análise do especismo a partir d'*A viagem do elefante*

Raquel Lopes Sabino

Universidade de Évora (Portugal)

Resumo: Propomo-nos analisar o papel dos animais na narrativa saramaguiana, partindo d'*A viagem do elefante*, e contando com outras representações de animais presentes nas obras do autor. Tendo em mente a postura ética de José Saramago, procuramos colocar em diálogo *a responsabilidade perante o mundo* que defendia com as marcas de especismo presentes na sua narrativa, através de situações que frequentemente suscitam desconforto no leitor. Para esse efeito, procuramos compreender as vivências dos animais, tal como o modo como são entendidos de maneira enviesada pelas personagens humanas.

Palavras-chave: Animal; ética; especismo; *A viagem do elefante*.

The animals that there for we are? An analysis of speciesism from *The elephant's journey*

Abstract: We propose to analyze the animals' role in the narrative of José Saramago, starting with *The elephant's journey*, and taking into account other representations of animals present in the author's works. Bearing in mind José Saramago's ethical attitude, we discuss the *responsibility before the world* he defended with the marks of speciesism present in his narrative, through situations that often cause discomfort in the reader. To this end, we seek to understand experiences of animals, as well as the biased way in which they are understood by human characters.

Keywords: Animal; Ethics; speciesism; *The elephant's journey*.

O importante é que haja presença de um sentido de responsabilidade cívica, de dignidade pessoal, de respeito colectivo; se se mantém, se se constrói, se não se aceita cair na resignação, na apatia, na indiferença, isso pode ser uma simples semente para que algo mude.

José Saramago

Introdução

Através da ficção de José Saramago conhecemos a voz de personagens frequentemente marginalizadas, desde os trabalhadores rurais de *Levantado do chão* a Lilith, omissa dos evangelhos, mas de marcada importância em *Caim*. Poderemos pensar *a priori* que apenas as personagens humanas contam com esta representação das injustiças que lhes são infligidas, especialmente pelos mais poderosos. Contudo, nesta análise propomo-nos a considerar um núcleo maior de personagens, explorando o papel dos animais em algumas das narrativas saramaguianas.

Longe de ser um contador de fábulas, parece-nos não se encontrar em José Saramago a pretensão de conferir uma voz propriamente dita aos animais. De facto, é o que constatamos nas suas palavras acerca do elefante Salomão: «eu tive o cuidado de não escrever nada que parecesse estar a querer traduzir o universo mental do elefante [...] porque não sei se pensa, não sei o que é que pensa e não sei como pensa.[...] nada de antropomorfizar o elefante» (Silva 2008: 383). Assim, o conhecimento que adquirimos acerca dos animais na obra é-nos facultado pelo narrador e pela representação das relações entre estes e as personagens humanas.

Na verdade, não são assim tão poucas as personagens animais nas narrativas do autor, e com uma importância francamente superior à da mera figuração (Arnaut 2008: 195). Se não, notem-se os vários cães, animal da predileção do autor, que encontramos recorrentemente, com maior ou menor importância, dos quais são exemplo o cão Constante de *Levantado do chão*; o cão Achado d'*A caverna* («que ocupa um lugar e é um personagem que está ali. [...] Eu creio que *A caverna* ficaria mais pobre sem aquele cão e a maneira como se comporta e aparece [...] é importante para o livro» (Silva 2008: 263); o cão das lágrimas de *Ensaio sobre a cegueira* e *Ensaio sobre a lucidez*; ou o cão Ardente/Constante d'*A jangada de pedra*. Todos eles personagens que desempenham um papel relevante no enredo: são não só companheiros de jornada e das desventuras humanas, como suportes emocionais (e aqui salientamos a relação humano-cão estabelecida entre o cão das lágrimas e a mulher do médico, na mítica cena em que se conhece e que o autor considerou ter sido «um dos momentos mais belos que fiz até hoje enquanto escritor» [2008 citado por Mateus 2017: 156], ou mesmo

a relação do animal com Pedro Orce) e, sobretudo no caso de Constante d'*A jangada de pedra*, guias de viagem e de descoberta do grupo de homens e mulheres que acompanham.

Reconhecendo o relevo que estas personagens têm no universo literário de José Saramago, importa notar que este distingue explicitamente humanos e animais:

não me ponho a antropomorfizar os animais para lhes dar sentimentos humanos ou reacções humanas porque as personagens, os seres humanos, as mulheres e os homens, colocados em situações que às vezes são trágicas, de catástrofe e de revolução social reagem como quem são (Silva 2008: 262).

Apesar disso, não é raro que os aproxime no sentir e em certas dimensões da existência, como nos revelam algumas passagens das suas obras: «os animais não são pessoas e as pessoas tão pouco são animais, Não tenho tanto a certeza disso» (Saramago 2008: 84); ou «Está morto, foi então que o cão se aproximou e gritou, como se diz que uma pessoa uiva» (Saramago 1986: 327).

Verifica-se uma cumplicidade — particularmente na dimensão emocional — entre o homem e o animal, especialmente os cães, que esbate a verticalidade histórica da relação entre estas espécies (Mateus 2017). Com efeito, na obra saramaguiana os animais são integrados na categoria de seres dignos de respeito e relativamente a quem se tem uma responsabilidade, num posicionamento que integra a postura ética de José Saramago, que se estendeu, naturalmente, à sua obra: «quero expressar, através dos meus livros, um sentimento ético da existência, e quero expressá-lo literariamente» (Aguilera 2010: 119).

Posto isto, cremos ser válido considerar alguns dos vários episódios da narrativa saramaguiana em que os animais detêm certo destaque e, sobretudo, em que são vítimas de uma crueldade criticada pelo narrador. Analisaremos esses episódios à luz do conceito de especismo, procurando as marcas deste preconceito nas vivências de alguns dos animais da ficção de José Saramago.

Acerca do especismo

O conceito de especismo (*speciesism*) foi originalmente desenvolvido por Richard D. Ryder em 1970, e popularizado posteriormente por Peter Singer em 1975, com o livro *Animal liberation*. Ryder partiu da premissa darwiniana — que revela a inexistência de diferenças biológicas essenciais entre animais humanos e animais não humanos — para questionar o fundamento da disparidade no tratamento moral de outras espécies. A ênfase da sua teoria está na capacidade

que os animais possuem de sentir dor e medo, decorrente de muitos deles terem um sistema nervoso central muito semelhante ao dos humanos (Ryder 2010). Mais do que isso, e à semelhança dos seres humanos, os animais sentem prazer e satisfação, têm vontades, preferências e recordações, o que lhes confere a posse de uma vida com valor em si mesma (Regan 1985: 24).

Nas palavras de Singer (1975: 6), o especismo é «um preconceito ou atitude de discriminação em favor dos interesses dos membros da sua própria espécie e contra os membros de outras espécies», ou seja, a crença por parte dos seres humanos de que a sua espécie tem mais valor e que os seus interesses são mais importantes por comparação a outros animais (Kagan 2016). Deste modo, a crítica ao especismo, palavra intencionalmente próxima de racismo e sexismo, pretende enfatizar que o foco numa determinada característica de um grupo (neste caso, pertencer a uma espécie) não deve ser, por si mesmo, justificativo de um tratamento moral diferente (Steinbock 1978). Este posicionamento antropocêntrico assenta na defesa da liberdade humana a custo da liberdade de animais (e mesmo de outros humanos menos privilegiados) e sustenta-se num conceito de «humanidade» disseminado na sociedade que atribui um valor superior ao ser humano. Por essa razão, estabelece um critério de comparação para avaliar as outras espécies (Weitzenfeld & Joy 2014). A este propósito, importa recuperar a crítica de José Saramago à visão antropocêntrica dos homens e à consequente transformação que operam no mundo:

O símile é magnífico, embora tenhamos de censurar nele a cedência às tentações do antropomorfismo, que tudo vê e tudo julga em relação obrigatória com o homem, como se, de facto, a natureza não tivesse mais que fazer que pensar em nós. Seria tudo mais fácil de entender se confessássemos, simplesmente, o nosso infinito medo, esse que nos leva a povoar o mundo de imagens à semelhança do que somos ou julgamos ser (Saramago 1986: 317).

Marcas da (in)diferença

Encontramos marcas deste preconceito contra animais em várias situações ficcionadas por José Saramago, que passam sempre pela inferiorização do valor destes seres: desde logo tanto pela surpresa demonstrada por personagens humanas pela complexidade sentimental e mesmo a existência de afectividade nos animais, como pela visão destes como «bens» com carácter utilitário e préstimo único de satisfação de caprichos humanos — e não reais necessidades —, pela indiferença quanto ao seu sofrimento vão e pela violência infligida em nome da diversão dos homens.

Assim, José Saramago revela-nos animais dotados de extrema sensibilidade, especialmente os cães, já aqui abordados, e que, para Isabel C. Mateus (2017: 164),

Quando os homens são reduzidos à condição de máquinas sem emoções ou à pura instintividade animal, é um cão, o cão-enixuga lágrimas que representa um olhar diferente, uma linguagem nova, uma linguagem corporal, tátil, afectiva, capaz de acordar neles uma esquecida *humanimalidade* comum.

Mas também no elefante Salomão encontramos essa sensibilidade, a capacidade de sentir como nem sempre as personagens humanas conseguem:

passou-lhe a tromba pelos ombros e pela cabeça em carícias que quase pareciam humanas, tal eram a suavidade e ternura que delas se desprendiam no menor movimento. Pela primeira vez na história da humanidade, um animal despediu-se, em sentido próprio, de alguns seres humanos, como se lhes devesse amizade e respeito, o que os preceitos morais dos nossos códigos de comportamento estão longe de confirmar, mas talvez se encontrem inscritos em letras de ouro nas leis fundamentais da espécie elefantina (Saramago 2008: 123).

Ao longo d'*A viagem do elefante* encontramos diversas passagens que, tal como esta, assinalam a surpresa humana perante a afectividade de Salomão, baseada não só no desconhecimento de espécies não humanas, mas também num distanciamento socialmente aceite relativamente aos animais, pela percepção da sua inferioridade. Já no burro de Blimunda, que caminha ao lado daqueles humanos, não servindo de transportador de carga — antes sendo coroado de lírios — o narrador adivinha o positivo espanto perante este tratamento pouco habitual, em que lhe são concedidos respeito e afecto:

Besta alugada, vai aonde o levam, carrega quanto lhe ponham no lombo, todas as viagens se equivalem para ele, mas todas as da sua vida fossem como esta, que o mais do caminho veio escoteiro, de lírios nas orelhas, algum dia havia de ser a primavera dos burros (Saramago 2011:373).

Na narrativa da viagem elefantina, resultante de um capricho régio, não se nos apresentam apenas as dificuldades e sofrimento inerentes a tão longo percurso. Na verdade, conhecemos o protagonista, que, na sua condição de animal, se descobre ser senhor de sentimentos mais complexos do que as personagens humanas poderiam esperar. Desde logo, o prazer que sente ao tomar um

banho, passados dois anos de esquecimento e negligência em que «mal vivera» (Saramago 2008: 33) num cercado, anos que sucederam os primeiros meses de entusiasmo da população lisboeta com o estranho animal vindo da Índia. Além disso, adivinha-se que Salomão recorde as vivências na sua terra natal. Tem também uma personalidade vincada, exigindo fazer a sua vontade, sob o risco de ficar rabugento; sente antipatias e simpatias pelos homens que o acompanham e demonstra vontade própria quanto às suas ações, para lá do que está convencionado pelos homens.

Também a história da vaca que luta persistentemente contra lobos para proteger a sua cria e o *assombro* dos homens que a escutam denota o preconceito humano ao questionar se poderiam estar perante um ser com alguma complexidade emocional, mas também uma antropomorfização desta mãe:

os soldados presentes [...] assombravam-se no seu foro íntimo pela coragem de um irracional, uma vaca, imagine-se, que havia mostrado possuir sentimentos tão humanos como o amor de família, o dom de sacrifício pessoal, a abnegação levada ao extremo (Saramago 2008: 117).

Já a perceção dos animais como uma propriedade a tudo sujeita é a marca de especismo mais comum nas narrativas de José Saramago. Um dos exemplos mais pungentes encontrar-se-á, novamente, no elefante Salomão. Entendido pelos reis de Portugal como *algo* que apenas implicava gastos e não ganhos, é-lhe decidido um destino mais proveitoso para a imagem da realeza. Assim, não podendo contribuir de forma alguma para o reino, visto que «aqui não há trabalho para ele» (Saramago 2008: 15), D. Catarina de Áustria insulta-o de «besta sustentada à argola» (Saramago 2008: 20). Salomão recebe a visita de D. João III, «o piedoso», cognome ironicamente evocado pelo narrador ao retratar o seu «olhar severo, anunciador dos piores efeitos» (Saramago 2008: 21), «de irritação e repugnância», perante o elefante que «não tem nenhuma ideia do que o espera» (Saramago 2008: 21). Este último é, naturalmente, alheio à decisão do rei acerca do seu destino, o de o transformar «num instrumento político de primeira ordem para o arquiduque de Áustria» (Saramago 2008: 25).

A viagem concretiza-se, apesar dos sentimentos contraditórios de D. João III e de D. Catarina de Áustria. Se começam por não se recordar da existência do animal, quando o fazem, logo vêem-no como um presente único e valioso para o Arquiduque e, consequentemente, para o seu próprio estatuto. Em simultâneo, lamentam a sua partida, adivinhando-se que a redescoberta do animal num cerco em Belém poderá ter desencadeado um sentimento de posse, quicá uma afetividade até aí desconhecida e para todos pouco compreensível:

o rei de portugal afirmava [...] em todo o seu reino não possuía nada de mais valioso que o elefante salomão, quer pelo sentimento unitário da criação divina que liga e aparenta todas as espécies umas às outras, há mesmo quem diga que o homem foi feito com as sobras do elefante, quer pelos valores simbólico, intrínseco e mundano do animal (Saramago 2008: 17).

creio que, no fundo, ninguém aqui quer que ele se vá, estranho caso, não é gato que se roce nas nossas pernas, não é cão que nos olhe como se fôssemos o seu criador, e, no entanto, aqui estamos aflitos, quase em desespero, como se algo nos estivesse a ser arrancado (Saramago 2008: 30).

Não obstante os pesadelos de D. Catarina de Áustria acerca do caso, entre o arrependimento de D. João III acerca da decisão tomada e a desvalorização do animal, categorizado como «bem do estado» (Saramago 2008: 31), é esse distanciamento relativamente à *outra* espécie que prevalece: «não permita que um elefante se torne centro das suas preocupações» (Saramago 2008: 32). Será da mesma forma com o dono sucedâneo, o Arquiduque de Áustria, que o exhibe para se engrandecer e para quem Salomão parece ter unicamente valor político e material, nem sequer o valor afetivo que ainda lhe concederam os reis de Portugal: «Cumprida a obrigação de proprietário [arquiduque] preocupado com a segurança dos seus haveres [salomão]...» (Saramago 2008: 173).

Além disso, fica implícito que não foi muito sentida a sua morte, presumivelmente ultrapassada através de uma perspetiva muito pragmática: a da utilização de tudo o que era possível do seu cadáver. Com efeito, Salomão foi esfolaado, as suas presas converteram-se em crucifixos e relicários e as suas patas passaram a recipientes para guarda-chuvas. O narrador compara a morte de Salomão com a de outros animais, que, mais do que os humanos, «simplesmente morrem sem uma enfermeira que lhes ponha a mão na testa» (Saramago 2008: 257), concluindo que «como se vê, a Salomão não lhe serviu de nada ter-se ajoelhado» (Saramago 2008: 257). Assumimos esta conclusão como uma crítica ao aproveitamento dos animais — mas também dos homens de classes sociais inferiores — para servir os propósitos dos mais poderosos, estando sempre a perda de dignidade subjacente a essa causa.

Também os bois que puxavam as juntas para transporte do feno de Salomão recebiam o tratamento desinteressado por parte do comandante que encabeçava o grupo em viagem. Vistos apenas como forças de trabalho, eram criticadas a sua lentidão e ineficiência. Do mesmo modo, os homens que os conduziam eram vítimas de iguais pressão e desrespeito, sendo colocados no mesmo papel dos animais, puxando as juntas conjuntamente com estes, força bruta a serviço do desejo do rei de Portugal.

O mesmo cenário se encontra no *Memorial do convento*, em que a violência sofrida pelos trabalhadores — animais e humanos — é mais acentuada e não distingue a espécie: «Já não se vê sinal do sangue que ficou no chão, passaram as rodas da carro, pisaram os pés dos homens, as patas patudas dos bois, a terra sugou e confundiu o resto» (Saramago 2011: 336). Também estes trabalham em prol da satisfação de um megalômano desejo régio:

seiscentos homens que sentiam, com o tempo e o esforço, ir-se-lhes aos poucos a tesura dos músculos, seiscentos homens que eram seiscentos medos de ser [...] Deve-se a construção do convento de Mafra ao rei D. João V, por um voto que fez se lhe nascesse um filho, vão aqui seiscentos homens que não fizeram filho nenhum à rainha, e eles é que pagam o voto, que se lixam (Saramago 2011: 350-351).

Bois e homens carregam a gigantesca pedra da *Benedictione* para o Convento de Mafra em aterradoras dificuldades, provocadas por alguém a quem são indiferentes, embora, à semelhança de Salomão, também eles se tenham ajoelhado, vítimas de um movimento de notório sofrimento: «está o diabo assistindo, passando da sua própria inocência e misericórdia por nunca ter imaginado suplício assim para coroação dos castigos do seu inferno» (Saramago 2011: 353). A descrição do carregamento é pormenorizada e inclui o acidente de um homem, que fica estropiado, e a morte de outro, tal como a de dois bois. Estes últimos são rapidamente desfeitos à machadada para consumo humano, enquanto o homem é velado e aguarda enterro. Em qualquer dos casos, escusado é o luto pois a jornada de trabalho deve continuar: «Amanhã, antes de nascer o sol, recomeçará a pedra a sua viagem, em Cheleiros ficou um homem para enterrar, fica também a carne de dois bois para comer» (Saramago 2011: 356). Ainda que tão próximos na miséria, também aqui se verifica uma diferenciação entre espécies quanto ao tratamento na dor e na morte, notada pelo próprio narrador: «isto é um campo de batalha, nem lhe faltam os seus mortos e os seus feridos, não sendo todos da mesma qualidade» (Saramago 2011: 356-357).

E se de sofrimento por caprichos se fala, não se poderá contornar a tourada no *Memorial do convento*, cuja descrição abunda de críticas por parte do narrador face a tal crueldade. «Bem bom divertimento» (Saramago 2011: 130) para Baltasar e Blimunda, são as touradas ocasião para aproximar os homens de diferentes estratos sociais («rirmos todos [o povo] e el-rei, não são assim tantas as ocasiões em que podemos rir juntos» (Saramago 2011: 134) no comum prazer de enfrentar e derrotar animais, não obstante o seu sofrimento, como bem demonstram as palavras de José Saramago: «Paraíso será, se justiça houver, nem pode haver inferno depois do que sofrem estes» (Saramago 2011: 133). O espaço descrito é feito do contraste fundamental entre a postura festiva dos homens e a inevitável

derrota e indignidade dos touros. A praça-palco dos acontecimentos tem o ambiente das celebrações, com mastros, bandeirinhas, cores e, sobretudo, a expectativa quanto à entrada dos animais. Face a um cru cenário de «sangue e a urina, e as bostas dos touros» (Saramago 2011: 132), da morte de já incontáveis touros pela espada de homens a cavalo, aumenta a excitação do «povinho» e das damas que «riem, dão gritinhos, batem palmas» (*idem*) e «os homens em delírio apalham as mulheres delirantes, e elas esfregam-se por eles sem disfarce» (Saramago 2011: 133). Contrasta com tal entusiasmo a miséria do «touro crivado de flechas, esburacado de lançadas, arrastando pelo chão as tripas», que não «se pode defender e morrer matando» (*idem*). Parece plausível crer que estamos perante um propositado retrato de desumanidade, dos homens desprovidos de empatia, reforçada pela comparação com a insensibilidade quanto à própria espécie:

Cheira a carne queimada, mas é um cheiro que não ofende estes narizes, habituados que estão ao churrasco do auto-de-fé, e ainda assim vai o boi ao prato, sempre é um final proveito, que do judeu só ficam os bens que cá deixou (Saramago 2011: 133).

Nesta «carnificina» (*idem*) são ainda vitimados mortalmente coelhos e pombas, com exceção de algumas destas últimas que, conseguindo escapar «por cima dos telhados, são como pássaros de ouro» (Saramago 2011: 135). Contra este género de crueldade, praticada em nome da diversão humana, e desprovida do básico sentimento de empatia, também n'*A viagem do elefante* se encontra a insurreição:

As pessoas estão muito enganadas a respeito dos elefantes. Imaginam que eles se divertem quando são obrigados a equilibrar-se sobre uma pesada esfera metálica, numa reduzida superfície curva em que as patas mal conseguem encontrar apoio. O que nos vale é o bom feitio dos elefantes, especialmente dos oriundos da Índia. Pensam eles que é preciso ter muita paciência para aturar os seres humanos, inclusive quando nós os perseguimos e matamos para lhes serrarmos ou arrancarmos os dentes por causa do marfim. Entre os elefantes recordam-se com frequência as famosas palavras pronunciadas por um dos seus profetas, aquelas que dizem, Perdoai-lhes, senhor, porque eles sabem o que fazem. Eles somos todos nós, e em particular estes que aqui vieram só pela casualidade de o verem morrer e que neste momento iniciaram o caminho de regresso a Valladolid, frustrados como aquele espectador que seguia uma companhia de circo para onde quer que ela fosse só para estar presente no dia em que o acrobata caísse fora da rede (Saramago 2008: 168).

Conclusão

Não sendo, absolutamente, a presunção ou o propósito deste ensaio o de categorizar de algum modo José Saramago quanto a este tema (como atribuir-lhe a classificação de antiespecista, por exemplo), não poderá deixar-se de notar a sua sensibilidade quanto a algumas posturas face aos animais, assim como aos laços que nos vinculam a esses seres.

O «universo de valores [de José Saramago] sustenta-se numa moral robusta sobre a qual, em grande medida, se organiza a sua intervenção pública e se sustém a sua visão do mundo» (Aguilera 2010: 115). Assim sendo, e ecoando as palavras escritas pelo autor a respeito do burro de Baltasar e Blimunda no *Memo-rial do convento* — «o mundo de cada um é os olhos que tem» (Saramago 2011: 374) — poderemos supor não ter sido acaso a escolha do autor de colocar tantos animais nas suas obras como mais um modo de retratar as crueldades perpetradas pelo ser humano àqueles que considera serem-lhe inferiores — não só os que diferem na espécie, mas os seus semelhantes.

Conhecendo a sensibilidade de Saramago em relação aos animais, é natural que o seu olhar os tenha abrangido, não se furtando a pensar a nossa relação com esses *outros*. Recuperamos as palavras de Derrida, que pensou profundamente a relação humanos-animais, e que dá o título a este ensaio:

não existe o Animal no singular geral, separado do homem por um único limite indivisível. É preciso compreender que existem seres vivos [*vivants*], cuja pluralidade não pode ser reunida somente na figura da animalidade por oposição à humanidade. Não se trata evidentemente de apagar tudo aquilo que separa os homens dos outros animais e de reconstituir um só grande conjunto (Derrida 2006: 73).

A este respeito parece-nos também importante sublinhar, por concordância com o assunto aqui tratado, a justificação de Isabel C. Mateus para o interesse na exploração do animal na literatura, nesta contemporaneidade de mudanças, globalização e desumanização:

[permite] questionar o antropocentrismo e o lugar do humano na tradicional hierarquia das espécies, de desconstruir a lógica binária subjacente ao pensamento ocidental, patente em oposições como natureza/cultura, humano/não humano. Trata-se, no fundo, de uma forma de interrogação sobre nós próprios e sobre o modo como nos situamos e socialmente nos organizamos no mundo actual ou do futuro, sobre a forma como construímos o espaço urbano, nos relacionamos com os mais desprotegidos ou com os animais, sobre o lugar que atribuímos à natureza e ao

meio ambiente, em particular, às alterações climáticas, sobre a importância que atribuímos às questões éticas, em suma, sobre a forma como nos pensamos e nos projectamos no futuro, no mundo e com o mundo (Mateus 2017: 158-159).

Com efeito, cremos que esta escolha do autor de incluir determinadas situações com animais se apresenta como mais um modo de criticar a ausência de valores dos homens, como acontece frequentemente nas suas obras. Nesta linha, importa ter em mente as suas palavras acerca da crueldade humana e da responsabilidade inerente à humanidade:

quem se comporta com crueldade é o homem, não é o animal [...] o animal não tortura, é o homem que tortura. Então o que eu critico é o comportamento do ser humano, um ser dotado de razão, razão disciplinadora, organizadora, mantenedora da vida, que deveria sê-lo e que não o é (Reis 2015: 158).

Mais do que isso, será pertinente colocar estas considerações do autor em diálogo com as de Jacques Derrida, que se figuram tão adequadas à luz das descrições das crueldades praticadas por personagens humanas da ficção saramaguiana: «seja qual for o modo como a qualifiquemos, a violência infligida aos animais não deixa de ter ressonâncias profundas (conscientes e inconscientes) na imagem que os homens constroem de si mesmos» (Derrida & Roudinesco 2001: 109).

Suscitando desconforto com violentas descrições, como a das touradas ou o carregamento da pedra do Convento de Mafra, José Saramago insta os seus leitores a retirarem-se do *papel de observador*, antes refletindo acerca do seu papel no mundo e actuando em conformidade com a ética que o nosso tempo nos exige: «a ideia de respeito pelo outro como parte da própria consciência poderia mudar alguma coisa no mundo» (Aguilera 2010: 121).

Finalmente, recordamos um pequeno excerto do discurso pronunciado na Academia Sueca, que nos parece ser a apropriada síntese da postura de José Saramago que explorámos ao longo deste ensaio: «O aprendiz pensou: «Estamos cegos», e sentou-se a escrever o *Ensaio sobre a cegueira* para recordar a quem o viesse a ler que usamos perversamente a razão quando humilhamos a vida» (Saramago sd: 20).

Referências bibliográficas

- Arnaut, Ana Paula (2008). *José Saramago*. Lisboa: Edições 70.
 Aguilera, Fernando (2010). *José Saramago nas suas palavras*. Lisboa: Caminho.

- Derrida, Jacques (2006). *L'animal que donc je suis*. Paris: Éditions Galilée.
- Derrida, Jacques; Roudinesco, Elisabeth (2001). *De quoi demain... Dialogue*. Paris: Fayard-Éditions Galilée.
- Kagan, Shelly (2016). «What's wrong with speciesism?» *Journal of Applied Philosophy*, 33, 1-21.
- Mateus, Isabel Cristina (2017). «Do animal ao inanimal: figurações canídeas na obra de J. Saramago». Álvares, C., Curado, A. L.; Mateus, I.C.; Sousa, S. (org.), *Figuras do animal. Literatura, cinema, banda desenhada*. Famalicão: Húmus, 155-167.
- Regan, Tom (1985). «The case for animal rights». Peter Singer (ed.), *In defence of animals*. Oxford: Basil Blackwell, 13–26.
- Reis, Carlos (2015). *Diálogos com José Saramago*. Porto: Porto Editora [1ª ed. 1998].
- Ryder, Richard D (2010). «Speciesism again: the original leaflet». *Critical Society*, 2, 1-2.
- Saramago, José (1986). *A jangada de pedra*. Lisboa: Caminho.
- Saramago, José (2011). *Memorial do convento*. Lisboa: Caminho.
- Saramago, José (2008). *A viagem do elefante*, Lisboa: Caminho.
- Saramago, José (2018). *Ensaio sobre a cegueira*, Porto: Porto Editora.
- Saramago, José (nd). *Discursos de Estocolmo*. Lisboa: Fundação José Saramago.
- Silva, João Céu e (2008). *Uma longa viagem com José Saramago*. Porto: Porto Editora.
- Singer, Peter (1975). *Animal liberation*. New York: Avon Books.
- Steinbock, Bonnie (1978). «Speciesism and the idea of equality». *Philosophy*, 53 (204), 247-256.
- Weitzenfeld, Adam & Joy, Melanie (2014). «An overview of anthropocentrism, humanism, and speciesism in critical animal theory». A.J. Nocella III, J. Sorenson, K. Socha, & A. Matsuka (eds.), *Defining critical animal studies: an intersectional social justice approach for liberation*. New York, NY: Peter Lang Publishing, 3-27.